



Tailor Report

Relatório de Mercado

Semana 15/06 – 19/06



Tailor Made

 Tereos

Macroeconomia

A principal notícia da semana no âmbito macroeconômico veio da decisão do Copom de reduzir – por decisão unânime – a taxa de juros Selic de 14,50% para 14,25%. Este foi o terceiro corte consecutivo, mantendo a tendência das últimas reuniões do comitê. Vale ressaltar que este corte é marginal, e deve trazer pouco impacto prático para o mercado. Há uma forte crença que a taxa se mantenha, encerrando o ciclo de cortes, na reunião do Copom de agosto.

Mercado elevou a projeção da inflação para 5,3% - acima do teto da meta (4,5%). Esse foi o 14º aumento consecutivo nas expectativas para o índice, justificadas pela alta nas cotações do petróleo, impactos climáticos sobre a produção de alimentos e estímulos fiscais com uma forte demanda doméstica.

Com relação às expectativas para o PIB, houve uma leve revisão para cima. Hoje o mercado acredita em um crescimento de ~2.0%, ainda guiado pelo resiliente consumo das famílias, mercado de trabalho aquecido (taxa de desemprego baixa – entre 5 e 6%) e pela política fiscal expansionista, que mantém gastos e incentivos. Vale ressaltar a economia brasileira, apesar do crescimento, está ainda longe de um ciclo forte.

Na agenda da próxima semana, a ata do Copom na terça-feira, 26/06, indicará se há espaço para novos cortes na taxa de juros, ou se a Selic permanecerá onde está. Na quinta-feira, dia 25/06, os dados do IPCA-15 trarão a prévia da inflação de junho. Por fim, na sexta-feira, dia 26, os dados do mercado de trabalho, que costumam ajudar a entender o comportamento inflacionário da economia.

No âmbito internacional o mercado continuou de olho nos desdobramentos dos conflitos no Oriente Médio. Em seu principal eixo, a guerra entre EUA e Irã, uma pausa. Não necessariamente será o fim da guerra, pois ainda há temas importantes para serem costurados, como o programa nuclear iraniano, as sanções econômicas e a presença militar na região, mas a trégua é relevante, pois prevê negociações sem bombardeios.

Durante este período o estreito de Ormuz, por onde circula cerca de 20% do petróleo do mundo, deverá ser reestabelecido pelos próximos dois meses.

O principal impacto do cessar-fogo foi a queda nos preços do petróleo. Pela primeira vez desde o início dos conflitos, o barril do tipo Brent fechou abaixo de US\$ 80 - na quarta-feira, 16/06. Já na sexta-feira, 19/06, a cotação encerrou a US\$ 80,38 por barril, acumulando queda de 8,0% na semana.

Os mercados globais reagiram positivamente aos avanços na direção do fim do conflito. De maneira geral, as bolsas iniciaram a semana com fortes ganhos, refletindo a redução das tensões geopolíticas.

No resultado consolidado, as bolsas americanas registraram leve alta, enquanto as asiáticas apresentaram desempenho misto. Já as bolsas europeias ficaram de lado ou levemente negativas.

Com o petróleo mais barato como pano de fundo, o mercado passou a precificar um menor risco de choque energético, além de uma redução nas pressões inflacionárias globais.

Durante a semana, o Real se desvalorizou frente ao dólar, encerrando a sexta-feira cotado a R\$ 5,16, alta de 2,0% no período. O movimento refletiu principalmente o fortalecimento global da moeda americana ao longo da semana, em meio à reprecificação das expectativas de juros nos Estados Unidos.

Mercado Sucroenergético

As cotações do açúcar apresentaram pouca variação ao longo da semana, com o contrato NY#11 encerrando a quinta-feira a US\$ 13,59 c/lb, leve queda de 11 pontos em relação à semana anterior.

Apesar da interrupção da moagem no Centro-Sul do Brasil em função das chuvas, o mercado segue pressionado pela percepção de ampla oferta global de açúcar, o que limita movimentos de alta nos preços. Há expectativa de que o Centro-Sul brasileiro alcance, com relativa facilidade, a marca de 630 milhões de toneladas de cana processada, com produção de açúcar superior a 40 milhões de toneladas.

A retomada da moagem após os episódios de chuva tende a favorecer uma maior produção de etanol. No entanto, durante o período seco, espera-se que as usinas voltem a operar próximas ao limite de capacidade de processamento, com menor flexibilidade para arbitrar entre a produção de açúcar e etanol, ao menos até novembro, quando algumas unidades começarão a encerrar a safra e o ritmo de moagem perderá intensidade.

Para a próxima semana, há previsão de chuvas isoladas nas principais regiões produtoras do Centro-Sul. Ainda assim, o predomínio de tempo firme e seco deve permitir a manutenção de um bom ritmo de colheita e moagem.

Do lado da demanda, os compradores permanecem em uma posição confortável, sem identificar riscos relevantes de restrição de oferta no curto prazo. Nesse contexto, as compras continuam ocorrendo de forma pontual, sem evidência de um crescimento mais robusto no consumo.

O Brasil segue no centro das atenções do mercado internacional e, diante de um cenário positivo para a safra atual, continua exercendo pressão sobre as cotações.

Eventuais preocupações com as safras de Índia e Tailândia. Por lá, o El Niño tem atrasado as monções. Caso a condição permaneça, impactos na produtividade agrícola poderão ser observados na safra 2026/27.

No Brasil, a confirmação do El Niño adiciona viés de risco no curto prazo, com maior probabilidade de interrupções na moagem no Centro-Sul devido a um inverno mais úmido. Ainda assim, o impacto é mais operacional do que estrutural neste momento.

A leitura da semana segue neutra, com o mercado concentrado no Brasil - tanto pelo avanço da safra quanto pela arbitragem com etanol. O direcionamento do mix continua sensível aos dados de consumo de combustível e à definição sobre a eventual retirada da subvenção a partir de agosto, que pode alterar rapidamente a paridade com etanol.

O weather market tende a ganhar protagonismo, mas com efeitos assimétricos: no Brasil, suporte marginal via disrupções na moagem; mais relevante, porém, é o potencial impacto na Ásia. Na região, o El Niño pode se traduzir em menor regime de chuvas, com risco direto para produtividade. Isso reforça a leitura de menor disponibilidade exportável pela Tailândia e abre espaço para uma postura eventualmente mais compradora da Índia ao longo do ciclo.

Em síntese: curto prazo ainda dominado pelo Brasil e pela oferta confortável, mas com crescente opcionalidade altista à frente via clima e eventualmente via mix.

Este documento foi preparado pela Tereos (a "Companhia") com o único objetivo de atualização semanal dos fundamentos do Mercado de Açúcar. Este documento contém certas declarações que são prospectivas. Essas declarações se referem, em particular, às previsões da Companhia, sua expansão de operações, projeções, eventos futuros, tendências ou objetivos que estão naturalmente sujeitos a riscos e contingências que podem levar a resultados reais que diferem materialmente daqueles explicitamente ou implicitamente incluídos nessas declarações. A Companhia, assim como suas afiliadas, diretores, consultores, funcionários e representantes, se eximem expressamente de qualquer responsabilidade por tais declarações prospectivas. A Companhia não se compromete a atualizar ou revisar as declarações prospectivas que podem ser apresentadas neste documento para refletir novas informações, eventos futuros ou por qualquer outro motivo, e qualquer opinião expressa nesta apresentação está sujeita a alterações sem aviso prévio. Este documento não constitui, ou faz parte de uma oferta ou convite para vender ou comprar, ou qualquer solicitação de qualquer oferta para comprar ou subscrever quaisquer valores da Companhia em qualquer jurisdição. Este documento não deve constituir a base de, ou de que depende, em relação a qualquer contrato ou compromisso. Observe que todas as porcentagens incluídas na apresentação a seguir podem ser calculadas em números não arredondados e, portanto, podem variar das porcentagens calculadas em números arredondados.